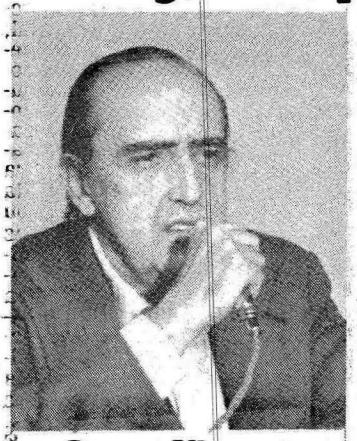


Meira Filho, Niemeyer e Pompeu saem na frente

Segundo pesquisa do GDF, eles seriam os primeiros senadores se as eleições fossem hoje



Oscar Niemeyer



Meira Filho



Pompeu de Souza



Valmir Campelo



Maria de Lourdes

A afinidade e o amor que nutre pela cidade que ajudou a ter são méritos suficientes para levar Oscar Niemeyer (PCB) ao Senado, conforme 62 por cento dos adeptos de sua candidatura. Eles acham que o arquiteto fez muito pela cidade e merece representá-la no Congresso. Onze por cento votariam nele pela sua consciência social — "ajuda aos pobres" — e 49 por cento o consagrariam porque "é experiente, competente, honesto e sincero".

Entre os eleitores de Niemeyer, 2 por cento dos pesquisados poderão eventualmente mudar de opção, pois votariam nele "por ser religioso". Apesar de ter criado a Catedral e ter muito respeito aos religiosos, Niemeyer é ateu. Em contrapartida, 15 por cento votam nele pela ideologia.

A preocupação com os pobres que o radialista Meira Filho (PMDB) transmite diariamente no seu programa na Rádio Planalto mereceu destaque de 69 por cento dos eleitores brasilienses que votariam nele. Quarenta e oito por cento consideram Meira experiente, competente, honesto e sincero, enquanto 12 por cento votariam nele porque "conhece e trabalha pela cidade". Outros 2 por cento o apóiam porque "promete cuidar da educação e dos esportes".

Conforme a pesquisa, 25 por cento dos simpatizantes de Meira votariam nele simplesmente porque é o candidato mais conhecido entre os nomes apresentados; 5 por cento por ser religioso e 3 por cento porque são amigos, devem favores ou consideram útil sua afinidade com a cidade.

O ex-secretário da Educação, jornalista Pompeu de Souza (PMD) tem na experiência, competência, sinceridade e honestidade o índice (28 por cento) mais ressaltado pelos adeptos que o colocaram como o terceiro senador mais votado na pesquisa. Vinte e um por cento votariam nele porque "ajuda aos pobres e realiza benefícios sociais para a população". Apenas 10 por cento votariam em Pompeu porque ele conhece a cidade ou trabalha por ela.

Entre os eleitores brasilienses que votariam em Valmir Campelo Bezerra (PFL) primeiramente na pesquisa para deputado federal, 25 por cento o fariam porque ele "ajuda aos pobres, construiu casas e fez benefícios comunitários" à época em que administrava o Gama e depois Taguatinga. Entretanto, 37 por cento votariam nele porque "é experiente, competente, honesto e sincero" (atributos pessoais).

Conforme a pesquisa, 82 por cento dos entrevistados acham que Valmir está qualificado porque "conhece a cidade, trabalha e já fez muito por ela". E 17 por cento apóiam o ex-administrador de Taguatinga porque "são amigos, conhecidos, devem favores ou porque ouvem falar muito dele".

Entre os eleitores brasilienses que votariam em Maria de Lourdes Abadia (PFL), que administrou a Ceilândia por 14 anos e deixou uma obra social invejável. Setenta e três por cento dos seus adeptos votariam nela "pelo que já realizou". Entretanto, 40 por cento votariam também porque ela "ajuda aos pobres, constrói casas e leva benefícios às comunidades carentes".

VANNILDO MENDES Da Editoria de Cidade

O radialista Meira Filho, o arquiteto Oscar Niemeyer e o jornalista Pompeu de Souza, pela ordem de votação, seriam os senadores constituintes de Brasília se as eleições fossem realizadas hoje. Eles obtiveram, respectivamente, 22 por cento, 16 por cento e 10 por cento das intenções de voto dos eleitores do Distrito Federal em recente pesquisa de opinião pública encomendada pelo GDF.

Denominada de Quem é Quem, a pesquisa foi realizada pela empresa LPM (Levantamentos e Pesquisas de Marketing Ltda.) para medir as chances dos nomes comentados como possíveis candidatos nas eleições de 15 de novembro e avaliar o perfil de um eleitorado que pela primeira vez irá às urnas eleger sua representação política — três senadores e oito deputados.

PERFORMANCE

Para a Câmara dos Deputados os nomes mais votados foram os de Valmir Campelo Bezerra, ex-administrador de Taguatinga (20 por cento); Maria de Lourdes Abadia, ex-administradora da Ceilândia (18 por cento); Rosemeire Goes (14 por cento); Eurides Brito, ex-secretária de Educação (9 por cento); Alvaro Costa (7 por cento); Aidano Farias (6 por cento) e Maurício Corrêa (6 por cento). A oitava vaga está dividida entre o Padre Jonas Vetraccí e o advogado Pedro Calmon, empataos em 5 por cento.

O nome do deputado Múcio Athayde (PMDB-RO) aparece em 5º lugar, com 8 por cento da preferência do eleitorado, mas como ele será candidato ao Senado, sua classificação não é suficiente para se eleger. Entre os prováveis candidatos não figuram vários nomes na pesquisa, já definidos pelos partidos, como o ex-secretário do Serviço Públícos, Carlos Murilo; o do presidente da Ala Progressista do PMDB, Maerle Ferreira Lima, o do ex-secretário de Serviços Sociais, Osmar Alves de Melo, o do jornalista Hélio Doyle e o do presidente na CUT-DF, Francisco Domingos.

Apesar de Meira Filho ter obtido o primeiro lugar nas pesquisas, a performance do velho comunista Oscar Niemeyer, construtor de Brasília e gênio da arquitetura, foi surpreendente. A preferência de 16 por cento, foi alcançada sem vínculo partidário. Saindo candidato pelo PCB, entretanto, suas chances aumentam para 20 por cento e numa coligação com o PMDB, Niemeyer obteve simplesmente 36 por cento das intenções de voto dos brasilienses, com regularidade tanto no Plano Piloto como nas satélites.

Os candidatos pesquisados foram 38 e a pesquisa envolveu também o índice de conhecimento dos nomes apresentados. Nesse item, aparece mais uma vez Niemeyer disparado com 72 por cento, seguido de perto por Meira Filho (70 por cento), Antônio Venâncio da Silva (64 por cento), Rosemeire Goes (61 por cento), Múcio Athayde (61 por cento), Maria Abadia (58 por cento) Elmo Serejo (57 por cento), Doriel de Oliveira (53 por cento), Pedro Calmon (52 por cento), Pompeu de Souza (51 por cento) e Eurides Brito (50 por cento).

Apesar de serem extremamente conhecidos, os homens de Antônio Venâncio da Silva, candidato do PTB ao Senado; Múcio Athayde, Elmo Serejo e Doriel de Oliveira não passaram no teste de intenção de voto. Venâncio teria apenas 4 por cento dos votos; Elmo Serejo, 3 por cento e Doriel de Oliveira, apenas 1 por cento.

A pesquisa foi feita comparativamente a outra realizada em dezembro do ano passado, quando muitos candidatos de hoje ainda não estavam no páreo. Com a entrada dos novos, o índice de intenção de votos foi mais pulverizado e caiu em quase todos os casos. Niemeyer, por exemplo caiu de 20 para 16 por cento; Meira Filho, de 27 para 22 por cento; Maria Abadia, de 21 para 18 por cento; Pompeu de Souza, de 11 para 10 por cento e Alvaro Costa, de 10 para 7 por cento.

Somente Valmir Campelo subiu de 19 para 20 por cento e Zamar Magalhães, de 3 para 4 por cento. Além dos nomes citados, figuraram na pesquisa também os de: Consuelo Badra — muito conhecida, 43 por cento, mas pouco votada, 1 por cento —,

Carlos Magalhães, Lindberg Aziz Cury, Aníbal Neto, José Neves Filho, Alberto Perez, Marcos Terena, Paulo Nardelli, João Herculino, Geraldo Campos, Elias Mota, Augusto Carvalho, Benjamin Sicsu. Todos eles receberão votos.

Na lanterinha, sem qualquer intenção de voto, embora razoavelmente conhecidos, aparecem os nomes de: Ipaminon Rodrigues, Aristóteles Gusmão, Antônio Clementino (Maestro), Luiz Rossi, Mário Sassi, Valério Gonçalves, Luís Manzoillo e Nísio Tostes.

A PESQUISA

O objetivo do estudo foi o de fazer novo levantamento junto à população do DF — o último fora realizado em dezembro —, dos nomes e partidos que desfrutam de maiores índices de conhecimento, simpatia e intenção de voto, tendo em vista as eleições para deputado e senador em novembro. A LPM foi a única empresa de opinião pública que acertou com precisão a eleição do prefeito Jânio Quadros em São Paulo.

Na metodologia foi adotada a técnica de entrevistas pessoais e domiciliares, utilizando-se um questionário estruturado e elaborado especialmente para a pesquisa. A amostragem foi intencional por cotas e representativa da população urbana do DF, conforme distribuição por região de moradia, classe social, sexo e faixa etária.

Foram realizadas 630 entrevistas com eleitores de 18 a 65 anos. As entrevistas foram supervisionadas por pessoal especializado de 21 por cento das verificadas para validade do trabalho.

OS PARTIDOS

No pesquisado, o PMDB aparece como o partido mais conhecido (100 por cento) e desparadamente o de maior índice de simpatia: 51 por cento, contra os 53 por cento da amostragem de dezembro. Empatados em 6 por cento de simpatia, o PT e o PFL dividem o segundo lugar na preferência do eleitorado. Também empatados, o PDS e o PDT dividem o terceiro lugar com 5 por cento de simpatia. Em quarto aparece o PTB com 4 por cento seguido do PCB, com 2 por cento e do PSB e PSC, empataos com 1 por cento. Tiveram nota zero no item simpatia do PC do B e do PS.

Se, por um lado, obteve índices inexpressivos de simpatia, o PDS foi o campeão absoluto de antipatia, com 25 por cento de rechaço da opinião pública. Depois dele vem o PCB, com 11 por cento, o PC do B, com 8 por cento e o PT, com 6 por cento. O PFL tem 4 por cento de antipatia; o PMDB, PDT e PTB, 3 por cento. Os menos antipáticos, embora não sejam simpáticos, são PS, PSB e PSC, com 2 por cento.

Em relação à pesquisa anterior, o PMDB caiu de 53 para 50 por cento em simpatia; o PDS, de 10 para 5 por cento; o PT, de 8 para 6 por cento; o PTB, de 6 para 4 por cento; e o PC do B, de 1 para 0 por cento. Os únicos que subiram de índice foram: o PDT, de 2 para 5 por cento; o PFL, de 4 para 6 por cento e o PCB, de 1 para 2 por cento. Não houve maior variação no índice de antipatia.

POR QUE SIM?

Entre os entrevistados, apenas 49 por cento confirmaram que o seu provável candidato estava na lista apresentada. Quinze por cento disseram que seu candidato não constava da lista e 36 por cento não sabiam e preferiram não votar.

Entre os que não votaram em nenhum da lista, 13 por cento procuraram outros candidatos porque os nomes apresentados "não trabalham pelo povo ou pensam apenas nos próprios interesses". Outros 13 por cento não votariam neles porque "não acreditam em políticos, prometem e não cumprem ou são ladrões". A grande maioria, entretanto, 47 por cento não votaria porque "não conhecem direito o candidato ou seus programas. E 14 por cento anularam o voto.

Os 17 por cento restantes estavam divididos entre os que não votariam porque "nenhum da lista tem capacidade para assumir cargo público, nenhum entende de política, já tem candidatos fora da lista ou não simpatiza com nenhum apresentado". Apenas 2 por cento não souberam o que responder.